

da Cruz. A sua obra que procurou nivelar as classes sociais, manteve-se à margem, e acima das bandeiras políticas. O Calvário e a Cruz serviram de fonte de vida em favor dos pobres. — M. de Faria

AUBERT, Jean-Marie, *Moral social para nuestro Tiempo*. Ed. Herder. Vol. de 208 pgs. 216×141. Barcelona. 1973.

Temos presente, não o original gálico, mas a versão espanhola, da autoria de Francisco Herrero. É este o volume 14.º da magnífica colecção «O mistério Cristão», que pretende dar-nos tudo quanto é essencial na Teologia cristã. Não só dogmática ou moral. Também da doutrina social. Justo insistir: vivemos tempos de extremos. Por um lado, não falta quem requeira a intervenção da Igreja por tudo e por nada. Não é verdade que já há quem fomenta ou espere da Igreja e dos seus teólogos uma teologia da revolução, da violência, do antirracismo, etc. etc.?

De outra parte, porém, não falta quem ponha em questão a legitimidade de uma doutrina ou moral social, por parte da Igreja. Pois urge conhecê-la e defendê-la.

Nesse sentido, dois perigos a evitar. Antes de mais não consentir que a doutrina social da Igreja seja bastanta à margem da Teologia dogmática e da Teologia moral. Depois, o facto de a Teologia moral se ter limitado, a miúdo, a uma perspectiva individualista.

Quem não recorda como os manuais da Teologia moral expunham, no Tratado da Justiça só assuntos sobre a propriedade e a sua posse, as suas lesões ou o roubo a restituição e suas condições, os contratos etc. No entanto, a justiça social, que há mais de um século, vem sendo exposta com amplitude cada vez maior, passava mais ou menos despercebida.

Aubert procurou compendiar-nos o ensino social da Igreja, situando-o no seu verdadeiro contexto teológico.

A obra presente não é mais do que bom compêndio de outra obra muito mais desenvolvida, que o A. publicou em Paris, no ano de 1972, em dois volumes: Pour une Théologie de l'âge in-

dustrial. E compêndio este, com quatro capítulos.

O primeiro trata da situação do homem na economia moderna e nas duas ideologias que propõem — o capitalismo liberal e o colectivismo marxista.

O segundo compendia as relações entre a Igreja e a sociedade civil.

O 3.º capítulo trata da justiça e da caridade, perante tantas injustiças.

O 4.º e último visa os principais problemas da actividade económica, como trabalho, dinheiro, comércio, etc.—M. de Faria.

RODRIGUEZ, Mauro. *El Celibato*. Ed. Herder. Vol. 256 pgs. 220×140. Barcelona. 1975.

Por celibato entendemos a plena consagração da existência própria ao amor de Deus, renunciando a certos afectos e compromissos. Juntamente com o martírio, é o testemunho supremo da verdade religiosa, mediante o sacrifício. É um «sinal» do mundo a escatológico, — um estado de vida tão sacrificial. É um «sinal» do mundo a crer na verdade dos bens celestiais e do retorno glorioso de Cristo. Se não houvesse a redenção e o céu, a vida dos sacerdotes e religiosos seria um enigma indecifrável. Não nos admiremos, pois, da luta contra o celibato!

Já vem de longe... Entrou no Vaticano II, preocupando deveras os Padres Conciliares.

Porque assunto bem delicado, a 11 de Outubro de 1965, Paulo VI resolveu chamar a Si o estudo e a solução de problema tão singular. Sabemos que três comissões, durante alguns meses, estudaram e apresentaram conclusões. A 24 de Junho de 1967, era publicada a célebre Encíclica Sacerdotalis Caelibatus. Posição oficial de Paulo VI: a realidade histórica, jurídica e pastoral da Igreja latina tornava indissolúvel o vínculo entre o sacerdócio e o celibato.

Todos recordamos ainda como, em 1970, na Holanda e noutros países, houve tentativas para agitar a questão do Celibato. Pois será o próprio Sumo Pontífice que, falando aos fiéis reunidos na Praça de São Pedro foi categórico, dizendo: «...Hoje, mais do que

nunca, é adequada (a lei do celibato) para as necessidades do nosso tempo... «É uma lei fundamental. Não é possível abandoná-la nem pô-la em discussão» (Assim em L'Osservatore Romano, de 23 de Fev. de 1970).

Infelizmente, aqui e além, não foi acatada esta doutrina da Igreja. A discussão e a oposição continuaram.

Mauro Rodriguez não pretende discordar ou opor-se. Deseja ajudar e aclarar. O seu estudo é mais fenomenológico e não teológico. «Aceitamos o valor da teologia católica sobre o celibato», diz ele (pg. 11).

A presente obra apresenta três partes. Uma bíblica, — o celibato e a S. Escritura. Outra psicológica, — o celibato e a sexualidade. E outra histórica — o celibato religioso e... latino. É este uma lei fundamental... Daí, os subtítulos deste estudo: Instrumento de governo? Base de uma estrutura?

Chamamos a atenção para a parte bíblica e... psicológica. Uma e outra são matérias em que o A. é especialista. Gostamos do seu estudo, embora não possamos aceitar todas as conclusões acerca dos pecados contra o 5.º mandamento. Cautela com certas facilidades inadmissíveis — M. de Faria.

ESCRIVÁ DE BALAGUER, José Maria, *É Gesú che passa*. Ed. Ares. Vol. de 328 pgs. 200×140. Milão. 1974.

Já existe entre nós, em idioma pátrio, este primeiro volume das homilias de Mons. Escrivá de Balaguer, Fundador e Presidente Geral do Opus Dei. Sob o título «Cristo que passa», foi editado em Lisboa pela Editorial Aster. E já antes desta versão italiana, — em 1973. Ainda não tinha falecido o A.

Como é fácil de ver, trata-se de um conjunto de meditações sobre os mistérios cristãos e temas litúrgicos, desde o Advento à festa de Cristo-Rei. Essas meditações foram pronunciadas em épocas distantes, desde 1951 a 1971. E dirigidas, nesses 20 anos, a públicos diferentes.

Lendo estas homilias, seria difícil dar por essa diversidade de tempo e pessoas. Em verdade, temos a mesma doutrina para qualquer pessoa, situação e... época. Pretende-se que seja

só a a palavra evangélica a que a todos procura mostrar a figura real e viva de J. Cristo. É na verdade, Jesus que passa, igual para todos e a todos chamando, sem excepção de pessoas.

A perenidade e a universalidade, — o cunho profundamente evangélico —, da doutrinação de Mons. Escrivá, são uma das ricas facetas do livro que temos presente. Alegremo-nos de o ver na mão de tantos fiéis, que muito precisam de lições espirituais, seguras e deveras frutuozas, como estas.

Verdade que o Opus Dei, querido e com larga influência benéfica entre nós, muito concorreu e concorre para a sua difusão. Não obstante, bem de louvar essa difusão. E que vemos nestas homilias o melhor do Dogma e da Moral católica. Esta a fluir como exigência daquele.

Nesta doutrinação plena é mestre exímio Mons. Escrivá. Já bem patente em outros trabalhos publicados e queridos entre nós. Quem não conhece e vive o livro «Caminho»?

Em «Jesus que passa» há essa plenitude doutrinária. De uma ou outra forma, em todas estas Homilias.

Sirva de exemplo, ao acaso, «A Eucaristia, mistério de fé e de Amor».

Deveras eloquente a maneira como mostra a relação da Eucaristia com a SS. Trindade. E logo a seguir, a SS. Trindade e a Santa Missa. «É esta um dom que a Trindade faz de si própria à Igreja...» (pg. 153). Escrivá, que recebeu o sacramento da Ordem, em 28-3-925, em meio século de apostolado, podia repetir: «Sou um sacerdote que não fala de outro senão de Deus». Fácil de o verificar no livro presente, bem digno de ser por nós meditado. — M. de Faria

AUBERT, Jean Maria, *La mujer. Antifeminismo y Cristianismo*. Ed. Herder. Vol. de 224 pgs. 216×145. Barcelona. 1976.

Temos presente um estudo realmente bem documentado. E muito capaz de despertar o maior interesse. Basta ter em conta a densa bibliografia a propósito (pg. 215-220). E trata-se de assunto que anda... na ordem do dia.

A «libertação da mulher» até vai servindo em favor de campanhas bem in-